

# AMOR DE TRANSFERÊNCIA E A QUESTÃO DA CURA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

(2006)

**Virgínia Ferreira**

Universidade Católica de Petrópolis – UCP (Brasil)

**Contactos:**

[virginia-ferreira@uol.com.br](mailto:virginia-ferreira@uol.com.br)

---

## RESUMO

O presente artigo trata da especificidade do fenômeno da transferência na esfera analítica e de seu respectivo manejo, visto que, é tão somente e graças a este fenômeno que o tratamento pode se estabelecer efetivamente e ter uma vicissitude.

O artigo ressalta, a “transferência amorosa” e como o psicanalista deve lidar com ela, pois Freud alerta que, esse amor não é para o médico, mas sim para sua figura e ainda que, os médicos não devem nem aceitar nem rechaçar esse amor, porém dar uma caminho para o qual não existe uma receita pré-estabelecida, não existe um modelo na vida real.

**Palavras-chave:** Amor de transferência e cura

---

Tudo o que se pode fazer é revolver na própria mente o problema de como é que uma capacidade de neurose se liga a tão obstinada necessidade de amor. Ela evocou este amor, ao instituir o tratamento analítico a fim de curar a neurose.

## INTRODUÇÃO

O inconsciente, as suas formações e a transferência freudiana, devem sempre ser pensados como um abalo às certezas da consciência, descentralizando o sujeito, mas ao mesmo tempo, revelando-o e compondo as mesmas, uma vez pontuadas, interpretadas e elaboradas, a única via para o auto-conhecimento e para o exercício da liberdade maior.

O ato psicanalítico primeiro, é suportar a transferência e, com isto, ter inscrito a demanda, entendendo-se esta originada e marcada pela falta, sendo portanto, uma demanda de amor. Diz Freud:

O paciente evoca esse amor, ao instituir o tratamento analítico a fim de curar a neurose. Em outro momento, diz ainda: É tão desastroso para a análise que o anseio do paciente por amor seja satisfeito, quanto seja reprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum destes: é um caminho para o qual não existe modelo na vida real.( FREUD, 1914, p.217 ).

Partindo do pressuposto de que o sujeito é marcado pela falta e, logo, toda demanda é uma demanda de amor, esta revela-se, na transferência, como amor de transferência, dirigindo-se ao analista, sendo portanto, uma demanda autêntica. O que vai diferenciar é a maneira pela qual esta demanda vai ser enfocada e tratada na relação pelo analista.

Ao analista cabe escutar aquilo que em nenhum outro lugar se possa falar. Aquilo que faz sofrer, a fala do desejo, a fala marcada pela falta.

### **Amor de Transferência**

De forma específica, o Amor de Transferência surge, nas obras de Freud, no artigo “ Observações Sobre o Amor Transferencial” ( 1914 – 1915 ), que encerra a trilogia denominada pelo autor “ Novas Recomendações Sobre a Técnica Psicanalítica” ( 1913 – 1915 ), como perspectiva de estender e complementar as observações feitas no artigo “A Dinâmica da Transferência” ( 1912 ), e no artigo “ Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise” (1912). Nesses artigos, que compõem a trilogia, Freud menciona as dificuldades típicas da transferência e da resistência no processo psicanalítico e, em “ Observações Sobre o Amor Transferencial”, enfatiza o caso em que uma paciente declara e demonstra, abertamente, a paixão pelo seu terapeuta e anseia em viver este amor em sua plenitude. Esta situação se encerra com o abandono do tratamento, pela resistência ou pela aceitação do terapeuta desse outro tipo de relação que, necessariamente, anula, impossibilita o processo psicanalítico, pois uma combinação dos dois seria impossível.

O papel da resistência no amor de transferência é, pois, muito grande, mas não foi criado pela resistência. Esta o descobre e o explora, não contesta sua autenticidade. “ *O terapeuta deve reconhecer que o enamoramento do paciente é induzido pela situação analítica e não deve atribuir aos encantos de sua própria pessoa*” . (FREUD, 1914, p. 210). O amor de transferência é uma repetição, mas todo amor é uma repetição, visto que, não existe amor que não reproduza

protótipos infantis. O amor de transferência caracteriza-se por certos traços que lhe asseguram uma posição especial. Em primeiro lugar, é provocado pela situação analítica, em segundo lugar, é significativamente intensificado pela resistência e, em terceiro lugar, é um amor neurótico, porque é, por definição, impossível. Portanto, a situação analítica deve intervir, de certo modo, na gênese desse amor, o que não significa, em absoluto, a pessoa do analista, mas sim o analista.

Freud alerta que o comportamento do analista não pode ser de recusa ( repressor ), nem tampouco de consentimento pois, diz Freud:

É tão desastroso para a análise que o anseio do paciente por amor seja satisfeito, quanto seja reprimido. O caminho que o analista deve tomar não é nenhum destes, é um caminho para o qual não existe modelo na vida real.( FREUD,1914, p. ).

Quando se estabelece a relação transferencial, ou o amor de transferência, estranha e misteriosamente, tornamo-nos depositários de todo esse mundo confuso e sofrido que começa a ser evocado, repetido e atualizado conosco ( analista ) no correr das sessões. No momento em que se instala a transferência do analisando, em contrapartida, consciente ou inconscientemente, se instala a “transferência” do analista. A possibilidade de viver plenamente esse amor contratransferencial vai nortear e qualificar, em muito, a direção do processo terapêutico. O desenvolvimento da transferência amorosa vai atuar nos dois sentidos, nas duas direções, nas duas pessoas que se empenham nessa proposta inédita de entendimento e “crescimento”. De um lado se atualizam as reações infantis do cliente, que se revelam na fala ou no comportamento, as dificuldades do seu desenvolvimento emocional; de outro se efetiva a maior ou menor receptividade e compreensão do analista em função de sua maior ou menor segurança emocional que ele terá atingido no de correr de seu próprio desenvolvimento, nos ganhos que obteve na sua própria análise.

As vicissitudes de cada processo psicanalítico são ímpares e remontam direta e explicitamente às dificuldades emocionais do analisando como também dependem direta mas subliminarmente das dificuldades emocionais do analista.

Inicia-se, então, uma nova experiência; uma relação em que um dos pólos está na posição e à disposição de aceitar o outro como ele é, de tentar encontrar com ele, melhores caminhos para um viver mais satisfatório. É neste sentido que, a priori, falamos que a relação analítica é aquela que se dispõe a ser o lugar, no tempo e no espaço, onde as manifestações afetivas das fases anteriores não são apenas permitidas, mas desejadas, a fim de serem trabalhadas no sentido do retorno do sujeito a si mesmo.

Essa relação especial, que de um lado, é tão espontânea e, de outro, tão controlada, que permite que tudo seja dito, mas que nada seja realizado, que não restringe a manifestação de

conteúdos de qualquer natureza, mas que insiste em interpretá-los a todos sob o aval de uma fala inconsciente, é aquela que permite o caminho de retorno e que o leva os primórdios de seu desenvolvimento psíquico, permitindo-lhe compreender e, talvez, corrigir e refazer, se possível, seus caminhos na busca de uma maior realização, no exercício de sua liberdade.

Evidencia-se, então, que este amor transferencial, mesmo quando se apresenta sob seu aspecto sedutor e erótico, é expressão disfarçada da necessidade primordial do amor primeiro, do amor materno. Se a manifestação dessa necessidade aparece sob a forma erótica, numa relação em que a experiência carnal está interdita ( situação analítica ), podemos concluir que esta manifestação está a serviço da resistência, quando expressa assim o desejo impossível, portanto, confirma a rejeição, reforça a frustração, revitaliza a repressão, a dor e o sofrimento.

O conceito do que é sexual abrange bem mais, indo muito além do seu conceito popular. Reconhecemos como pertencentes à vida sexual, todas as atividades dos sentimentos ternos que têm impulsos sexuais primitivos como fonte, até mesmo, quando estes impulsos se tornam inibidos em relação a seu fim sexual original, ou tendo que substituir este fim por outro que não seja sexual. Assim sendo, podemos falar em psicosexualidade, enfatizando o fator mental na vida sexual.

Finalizo, conceituando o amor transferencial, como a transferência de todo amor, de toda e qualquer manifestação afetiva na relação analítica que, por definição, se dispõe a ser o lugar, no tempo e no espaço, onde essas manifestações não só são permitidas, mas desejadas, bem-vindas, uma vez que, entendemos como atualização, no aqui-e-agora, dos padrões afetivos anteriores e, como tal, serão trabalhadas no sentido de um retorno de auto-conhecimento e, talvez, de transformação efetiva destes padrões afetivos, já que uma vez, o sentimento é deslocado, mas verdadeiro.

### **Amor de Transferência e a Questão da Cura**

Inicia-se o processo com a fala do paciente, que fala de seu sofrimento, de sua dor e que é ouvido pelo analista. Um sujeito fala e outro ouve; ouve e interpreta, pontua, responde. Se a sua resposta corresponde ao sujeito, ele sente-se clarificado, esclarecido, compreendido.

Às dificuldades, às vezes, são tão grandes que nem é possível falar, porque não foi possível recordar o que foi esquecido ( recalado ), mas o paciente expressa-o pela atuação ou “acting-out” – ele o reproduz, não como lembrança, mas como ação, repete-o sem, naturalmente, saber que está repetindo e o que está repetindo.

No artigo “ Repetir, Recordar e Elaborar” ( 1914 ), Freud alerta para o fato de que, quanto maior for a resistência, menor será a memorização e maior será a atuação.

Ao surgir o amor de transferência, sobretudo, o erotizado, o paciente perde a compreensão e o interesse pelo tratamento, abandona seus sintomas e não falará ou ouvirá a respeito de nada que

não seja o seu amor, que exige retribuição. Portanto, esse amor foi descoberto pela resistência e apresenta-se a serviço da mesma, acarretando uma mudança radical da cena, um desvio do tratamento.

Esta modificação da cena, este desvio, ocorre no momento em que algum conteúdo aflitivo e recalcado de sua história está por ser recordado, e a resistência o intensifica, na medida em que a possibilidade desses conteúdos cruzarem a fronteira da consciência aumenta.

As manifestações do amor de transferência vão apontar para as dificuldades ocorridas no processo interno do paciente, revelando a evolução do quadro clínico, bem como do desenvolvimento do processo.

A extensão e complexidade da neurose são expressões diretas da extensão e complexidade da carência primordial de afeto, da ausência de amor primeiro, do amor incondicional dos pais.

Ao psicanalista cabe então, ter anteriormente deslanchado seu lugar na transferência e, portanto, assistir ao processo interessado: acompanhando, pontuando, interpretando e esperando e, na medida em que as dificuldades são adequadamente interpretadas, concomitantemente, observa-se a remoção ( eliminação ) da transferência. A partir desta remoção, o mundo interior vai se tornando audível e, ao se tornar audível, torna-se visível, captável e, ao se tornar captável, torna-se também transformável, operando-se desta forma, uma reorganização de si mesmo e, provavelmente, uma reversão do quadro clínico: a cura.

No princípio da análise não é o sujeito quem fala, nem se dirige ao analista, mas ao finalizar a cura, é o sujeito quem fala, e fala ao analista quando franqueamos todas as barreiras, a distância é abolida e a comunicação restabelecida. ( LEVY-VALENSI, 1965, p. 157 ).

## **BIBLIOGRAFIA**

BIRMAN, Joel e outros. **Transferência e Interpretação**. Rio de Janeiro: Campus, 1985.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. Dinâmica da Transferência ( 1912 ), vol XII

\_\_\_\_\_. Recomendações os Médicos que Exercem a Psicanálise ( 1912 ), vol. XII

\_\_\_\_\_. Sobre o Início do Tratamento ( 1913 ), vol. XII

\_\_\_\_\_. Recordar, Repetir e Elaborar ( 1914 ), vol. XII

\_\_\_\_\_. Observações Sobre o Amor Transferencial ( 1915[1914] ), vol. XII.

LEVI-VALENSI, Eliane Amado. **El Dialogo Psicanalítico**. México: Fondo de Cultura, 1965.